

“ENTRE SÉCULOS”: PARA UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-LITERÁRIA DA POESIA PORTUGUESA ENTRE O BARROCO E A ILUSTRAÇÃO

IN-BETWEEN TWO CENTURIES”: TOWARDS A HISTORICAL APPROACH OF PORTUGUESE POETRY BETWEEN THE BAROQUE AND THE ENLIGHTENMENT

Marta Marecos Duarte

CLP – Universidade de Coimbra

<https://orcid.org/0000-0001-5621-9843>

RESUMO

Questionando a aplicabilidade do modelo periodológico das histórias romântica e positivista ao estudo da poesia portuguesa dos sécs. XVII-XVIII, este texto pretende indagar sobre novas possibilidades metodológicas surgidas no domínio da teorização contemporânea. Teremos, assim, em consideração um âmbito particular, visando o contexto literário entre Barroco e Ilustração (Bègue, Ruiz Pérez); a que somamos o âmbito geral da historiografia literária contemporânea, no qual se propõem novas abordagens temáticas e modelos alternativos de configuração do sentido (Bourdieu, Greenblatt, Valdés).

Em suma, procuramos levar a efeito uma revalorização da literatura setecentista através dos instrumentos da *nova história literária*. História Literária que, através da assimilação de um conjunto de novas perspetivas (sociológicas e hermenêuticas), se nos afigura como percurso renovado, capaz de responder aos desafios institucionais e críticos que a constituem.

Palavras-chave: entre séculos; Barroco; Ilustração; nova história literária; modelos historiográficos.

ABSTRACT

This article questions the chronological model of the Romantic and Positivist histories and its adequacy to the study of XVIIth and XVIIIth

Portuguese literature. Trying to summarize some new methodological possibilities, we will first look over the particular field of the poetry between Baroque and Illustration (Bègue, Ruiz Pérez). Secondly, we'll try to convey new approaches in the general domain of the contemporary literary historiography, namely some alternative models of setting meaning (Bourdieu, Greenblatt, Valdés).

To sum up, we intend to promote a reappraisal of the literature of the said period through the instruments of the *new literary history*. Among them, the contributions of sociology and hermeneutics pave the way for a renewal of history, properly understood as a critical and institutional practice.

Keywords: Between centuries; Baroque; Illustration; New Literary History; Historiographic models.

INTRODUÇÃO

As considerações sobre a história literária presentes neste texto ecoam a problemática de configuração metodológica de um estudo acerca da poesia portuguesa da primeira metade do século XVIII, que tem como eixo de análise os códigos estéticos agrupáveis sob a etiqueta de “barroco tardio”¹.

Apesar do seu anunciado ocaso (cf. Cunha, 2004: 1), a história literária deixou uma marca indelével no modo de perspetivar o estudo de diversas épocas e correntes da literatura. Além de ser base de armazenamento de um vasto património literário, constitui um importante recipiente da intuição crítica de múltiplos investigadores. O estudioso da Alta-Modernidade, tendo de lidar com um conjunto

1 Trata-se do projeto de doutoramento intitulado “*Vozes consoantes, Vozes dissonantes, Pina e Melo e a cultura literária do século XVIII: sujeito autoral, polémica e poéticas*” (FCT SFRH/BD/101304/2014), em curso.

de categorias periodológicas importadas do modelo historiográfico positivista, defronta-se amiúde com a sua naturalização no domínio das práticas da crítica e do ensino. Assim, compassamo-nos com as vozes que, na contemporaneidade, afirmam a necessidade de conceber alternativas a esse modelo, de modo a reinserir a história literária na historiografia contemporânea (cf. Valdés San Martín, Stephen Greenblatt *et al.*, 2005).

Este desígnio acorda-se, por um lado, com uma tentativa de superação das perspetivas formalista e estruturalista, cuja preponderância no século XX ditou um abrandamento da prática da história e, particularmente, de uma leitura dita “extrínseca” do texto literário (Lee Patterson, 2005: 54-55). Por outro lado, a hipótese de uma reaproximação entre história e literatura ancora-se nos avanços levados a efeito no âmbito da história cultural, assim como em abordagens de cariz sociológico baseadas na “Practical theory”, perfilando no seu horizonte uma análise das interações entre os agentes que formam a instituição literária. Um dos contributos mais recentes no campo da teorização (Valdés, 2005) procura configurar a *nova história literária* como alternativa ao modelo neo-historicista alicerçado na contra-história foucaultiana. No centro da crítica ao neo-historicismo situa-se uma preocupação com os modos de representação em história. Por outro lado, afigura-se problemática a hipótese de uma secundarização do literário enquanto fenómeno estético, em abordagens que se inclinam sobre uma desconstrução de sistemas discursivos associados ao Poder².

2 Como exemplos reconhecidos da influência da obra de Michel Foucault, especialmente *L'Archéologie du savoir* (Paris: Gallimard, 1969), são mencionados habitualmente os textos de Stephen Greenblatt, *Renaissance self-fashioning: from More to Shakespeare* (Chicago: University of Chicago Press, 1980), e de Jonathan Goldberg, *James I and the Politics of Literature: Jonson, Shakespeare, Donne, and Their Contemporaries* (Baltimore and London: The

Dentre os paradigmas hermenêuticos abrangidos pelos estudos literários, à história corresponde talvez aquele cuja concepção expõe mais claramente o vínculo entre a crítica e os desígnios institucionais. Como afirma Carlos Cunha (2002: 13), a história literária constitui uma “prática discursiva institucional, com funções específicas em termos sociais (particularmente no sistema de ensino e em relação ao capital literário/simbólico nacional)”. Determinante no processo de tornar inteligíveis as práticas discursivas de um determinado tempo, sublinhe-se pois o papel de “reconhecimento”, em dupla asserção, que lhe subjaz, na era da informação. Na contraluz das práticas arquivísticas de gestão e organização do acervo literário de uma cultura, as quais por si só determinam as possibilidades de leitura e de pesquisa dos textos, a prática da história em literatura assume-se como operativa no domínio de um reconhecimento do “terreno”, no que diz respeito ao levantamento crítico de textos arquivados. Em segundo lugar, esse reconhecimento alia-se à possibilidade de creditar um conjunto de obras que se afiguram pouco mais do que inventariadas nos catálogos das principais bibliotecas. Assim, como fatores determinantes na construção da narrativa histórica, colocam-se hoje ao estudioso dos séculos XVII e XVIII dois desafios fundamentais que demandam uma revisão dos modelos historiográficos existentes: a questão da periodologia e o problema da (re)avaliação do cânone.

Johns Hopkins University Press, 1983), em torno do teatro e do espetáculo no Renascimento inglês. Segundo Patterson, dez anos após a tradução do texto de Foucault para o inglês, a perspectiva arqueológica “ha servido para autorizar un historicismo salvaje que potencia el mestizaje y la desregulación intelectual. Todos los textos son, desde entonces, iguales” (A. Patterson, 2005: 72-73).

1. HISTÓRIA E CRÍTICA DA “IDADE DE FERRO” DA LITERATURA PORTUGUESA: PROBLEMAS

Se folharmos algumas das histórias da literatura portuguesa, desde os empreendimentos de Teófilo Braga e de Mendes dos Remédios aos mais recentes contributos de António José Saraiva e Óscar Lopes e os volumes III e IV da *História Crítica da Literatura*, dirigida por Carlos Reis, apercebemo-nos rapidamente de uma quase ausência no que diz respeito à produção literária portuguesa da primeira metade do século XVIII. No que toca à poesia, o código que vemos delinear-se nas academias literárias desde meados do século XVII e cujas chaves estéticas são ainda preponderantes em meados do Século das Luzes (*Academia dos Singulares*, 1663, *Academia dos Anónimos*, 1714-1725, e *Academia dos Ocultos*, 1745-1755), é aludido, regra geral, através de menções à poesia de Jerónimo Baía e de António da Fonseca Soares, assim como de referências à publicação dos cancioneiros da *Fénix Renascida* (1716-1728) e *Postilhão de Apolo* (1761-62), além da coletânea que reúne produções surgidas nos certames de poesia da *Academia dos Singulares* (1692 e 1696).

O apagamento da produção poética que se insere neste espectro temporal prende-se com razões que se situam aquém da ausência de uma revisão crítica da historiografia na atualidade. Por um lado, há que mencionar a anatematização de grande parte da produção barroca, por efeito da reação neoclássica. Essa crítica é especialmente reconhecível no *Verdadeiro Método de Estudar*, onde, como é sabido, Verney ataca o que designa de “estilo dos Seiscentos”, a que faz corresponder a idade sombria dos “séculos da ignorância”, ou seja, desde o final do século XVI até ao tempo em que escreve (Verney, 1746: 211 e 75). Como corolário da afirmação do despotismo ilustrado, agindo em prol do banimento definitivo dos resquícios estéticos do barroco, importa sublinhar a ação da Real Mesa Censória, a partir dos anos 60 do Século das Luzes (cf. Tavares, 2018).

A elaboração de uma narrativa histórica em torno dos eixos decadência e esplendor, transversal à crítica classicista em várias nações, já estava presente nos comentários de Inácio Garcês Ferreira aos *Lusíadas*. A poesia de influência culterana ou gongórica, apodada de “gosto corrupto”, surge pois como causa e produto da degeneração da língua e da literatura portuguesas. O tempo de Camões, anterior ao alastramento do artificialismo verbal comum a gongorismo e a marinismo, constitui, por oposição, a idade dourada da poesia lusa (Garcês Ferreira, 1731: 54). Esta visão afigura-se modeladora de uma linha crítica sobre a qual se virá a construir o discurso da história literária (cf. Cunha, 2002: 386 e ss.). Em conformidade com a crítica iluminista, o “Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa”, de Garrett, isola temporalmente o culminar do referido movimento degenerativo. Por conseguinte, intitula o período entre fins do século XVII até meados do século XVIII de “idade de ferro” da literatura portuguesa (cf. Garrett, 1826: xxviii e xxxiii).

Ora, a formulação desta narrativa muito terá contribuído para o não atendimento à especificidade das práticas de poesia desenroladas no domínio periodológico de entre os séculos XVII e XVIII. Como já notámos em texto publicado anteriormente na *Revista de Estudos Literários* (Duarte, 2016), as antologias escolares editadas nos anos 60 e 70 do século XX ilustram a depreciação aí projetada, assim como a preferência de toda uma corrente crítica pelas obras que se acordam com um ideal de sobriedade alheio ao suposto vazio formal do concetismo. Por essa razão, não é de estranhar que a produção literária barroca que mais tem sido alvo de interesse se situe principalmente no domínio da prosa, sublinhando-se o facto de veicular um conteúdo relevante do ponto de vista da edificação moral, religiosa e política.

O estabelecimento de um cânone de autores afigura-se à mercê dessa preferência e, por isso, inevitavelmente, deparamos com um panteão seletivo, cujas traves mestras são Francisco Manuel de Melo,

Padre António Vieira, Manuel Bernardes e António José da Silva. São estes quatro astros que Margarida Vieira Mendes recorda como os mais significativos do barroco português, que divide em dois momentos (primeiros 80 anos do século XVII e primeira metade do século XVIII), na *Revisionary History of Portuguese Literature*³.

É certo que a exclusão de um vasto conjunto de textos no domínio epocal em causa se deve em grande medida a circunstâncias de natureza material. A sua reabilitação exige um esforço ao nível do trabalho arquivístico e filológico. O seguinte excerto de Saraiva e Lopes, na conclusão do texto sobre a 4.^a época (Época Barroca) da *História da Literatura Portuguesa*, é bem expressivo dos desafios lançados ao investigador, justificando em parte a secundarização de que falamos:

(...) deve reconhecer-se que não estamos em condições de proceder a um balanço seguro acerca da poesia barroca portuguesa, nem do processo através do qual, nesse domínio restrito, se poderá considerar como constituída uma estética globalmente distinta da estética maneirista. O que por enquanto se tem tentado é fazer uma ideia de conjunto sujeita a ulterior correcção, à medida que sejam publicadas edições críticas, quer das coletâneas manuscritas, quer de autores de maior importância, cujas composições, nalguns casos da ordem de uma centena ou mais, se encontram inéditas e dispersas. (Saraiva e Lopes, 2005: 475)

3 Atente-se nas palavras da autora: "The late baroque [1.^a metade do séc. XVIII] is likewise centred on two literary figures, one in the religious sphere and the other in the world of theater (...): Padre Manuel Bernardes (1644-1710) and António José da Silva (1705-39). As with Vieira and Dom Francisco [para a primeira época do barroco, de 1621 em diante], this pair likewise exemplifies the kind of literature at the time: the ascetism of an ingenuous and limited conventual catechism, on the one hand, and showy, operatic entertainment on the other" (Mendes, 1999: 65).

A não existência de edições que colijam uma assinalável produção dispersa constitui um impedimento significativo à dignificação da obra de vários autores. Em segundo lugar, parece-nos legítimo formular a seguinte questão: até que ponto a conceção romântica de “génio”, ou a visão sobre o talento de algumas individualidades como expressivo de um contexto epocal, tal como preconizam história romântica positivista (cf. Braga, 1901: 7; Remédios, 1921: 1), não continua a impor-se sobre a apreciação dos textos deste período?

Contudo, também a formação do cânone se tece através das nervuras da cronologia. A configuração cronológica, tendo como suporte diferentes categorias históricas/estéticas, é determinante na definição de um ângulo de abordagem, mais ou menos inclusivo, no tocante à seleção de autores e obras. Tendo em conta a questão das concomitâncias entre barroco e neoclassicismo, barroco e romantismo e neoclassicismo e romantismo, assinaladas por vários estudiosos (cf. Marnoto, 2010: 17; Ferraz, 2003: 12), urge pensar em novas formas de representação e narrativização, diferentes do modelo cronológico assente na linearidade. A título de súplica, atente-se, pois, nas seguintes palavras de Aguiar e Silva acerca do panorama histórico da literatura setecentista:

O século XVIII, sob o ponto de vista da periodologia literária, constitui uma época extremamente complicada, pois nele confluem correntes barrocas retardatárias e correntes neoclássicas ou arcádicas; nele se desenvolve o chamado estilo rococó e nele irrompe o pré-romantismo. (...) Época de crise, de desagregação e de renovação dos valores estético-literários, caracterizado por uma natural tendência para o eclectismo, o século XVIII não apresenta qualquer estilo que tenha exercido um domínio homogéneo e prolongado. Acontece, por exemplo, que um escritor se pode integrar simultaneamente no neoclassicismo e no pré-romantismo – o caso de Bocage é muito elucidativo –, ou pode

acontecer que um poeta tenha iniciado a sua carreira dentro dos moldes do barroco tardio e que tenha aderido depois ao credo neoclássico, apresentando ainda (...) uma forte coloração pré-romântica (é o caso expressivo de João Xavier de Matos). (Silva, 2002: 531)

O ecletismo e a variabilidade, ou, se quisermos, a instabilidade de géneros e formas, é talvez uma constante na literatura de todos os tempos. No caso do século XVIII, afigura-se premente não só a necessidade de superar os problemas colocados pela periodização por blocos estanques, como também a de estabelecer chaves temáticas que permitam iluminar aspetos da produção literária omitidos na história tradicional. Os critérios da história oitocentista devem ser substituídos por pontos de vista que possibilitem atender quer às características estéticas e linguísticas dessa produção literária em mutação, quer ao dinamismo cultural das práticas institucionais que contextualizam a produção e a receção dos textos. Como elo entre produção e receção, importa olhar a questão autoral sob novos ângulos.

Numa primeira aproximação, apresenta-se como operativa a tentativa de quebrar as fronteiras visíveis nos domínios entre séculos, entre reinados e entre culturas. A poesia do barroco em Portugal é inalienável da constituição de um campo literário que transcende as divisórias territoriais. Assim, a proliferação da literatura portuguesa de influência concetista e gongórica é indissociável do que acontece, paralelamente, no contexto espanhol.

2. PROPOSTAS (ALTERNATIVAS) DE ABORDAGEM PERIODOLÓGICA

Ao longo da última década verificam-se, no domínio dos estudos literários espanhóis, várias tentativas de abordar a uma nova luz a literatura do período entre 1650 e 1750. A reação do neoclassicismo ao barroco (não só o tardio) em solo ibérico, para que muito contribuíram as críticas à eloquência espanhola vindas de além-Pireneus,

somando-se a uma visão de decadência cultural e política do Império, ditaram a secundarização de muita dessa produção. No século XX, a preponderância do paradigma formalista parece ter vedado a possibilidade de entender o significado de um código estético cuja imanência surge do entrecruzar de práticas institucionais e coletivas a que se assinalam finalidades próprias da oratória.

O predomínio da *argutia* no século das poéticas concetistas, como explica Alain Bègue, tem no horizonte uma obediência ao fundamento da *admiratio*, pelo que a composição poética apresenta uma *dispositio* e uma *elocutio* adaptadas ao consumo imediato pelo público da festa cortesã ou da justa poética (Bègue, 2010: 46). Por outro lado, sobressai nesta poesia uma vertente decorativa que postula a concepção do poema como artefacto de singularidades. Fundando-se num trabalho engenhoso sobre a matéria verbal, tem em vista o fim de desvelar realidades ocultas ao senso-comum, por meio de sentidos impróprios. Tal é a proposta basilar da arte barroca de engenho e agudeza; que em muitos contextos não consegue fazer aliar à exuberância das “flores retóricas” um segundo nível estilístico, em cujo domínio recrudescer a profundidade especulativa do estilo conceituoso (Arellano, 2012: 270). Dado o forte visualismo e artificiosismo retórico que nela sobrevêm, a compreensão da poesia academicista enquanto fenómeno artístico pede que o crítico ponha de lado noções como as de utilidade e didatismo. Especialmente operativas no quadro estético e filosófico da Ilustração, estas não se coadunam com as circunstâncias e lógica do contexto de produção em causa.

Lançando as bases de um projeto de estudo da poesia entre 1650 e 1750⁴, Pedro Ruiz Pérez refere-se a este momento como período

4 Pedro Ruiz Pérez coordena um projeto de investigação, sob a tutela da Universidade de Córdoba, intitulado PHEBO (Poesía hispánica en el Bajo Barroco). Cf. <http://www.uco.es/phebo/es>.

"oscuro" da literatura hispânica. Por detrás do retrato histórico-literário de uma época em que Sor Juana Inés de la Cruz aparece como eixo central entre os ecos de um espaço vazio, descobre-se uma continuidade essencial entre a edição de *Parnaso español* de Quevedo e a disfunção de Eugenio Gerardo Lobo. Como o autor refere, "sobre la pervivencia de estilemas barrocos exacerbados por el habitual curso de la imitación se impone un dominante prosaísmo" (Ruiz Pérez, 2013: 1-2). Ruiz Pérez acrescenta que, se esta poesia parece incompreensível ao leitor da atualidade, "no es por la dificultad de su forma, sino sobre todo, por la desconexión con unas materias y unos tonos que ya no funcionan como claves líricas. Por eso, no basta con el rechazo o, aun peor, con la ignorancia basada en cuestionamientos estéticos de clave formal y formalista".

O autor apela assim a uma superação do modelo formalista como forma de endereçar o questionamento do período, sugerindo que o despertar do interesse do leitor contemporâneo pelo texto poético de então requer novos instrumentos de leitura. A obscuridade deve-se fundamentalmente a uma ausência de codificação e acentua-se diante das duas faces luminosas a que corresponde uma institucionalização da literatura dos séculos XVII-XVIII: "Siglo de Oro" e Ilustração.

O caso português, reiteramos, é muito similar ao espanhol. Verifica-se uma continuidade ao nível da estética dos eixos principais do barroco, sendo que é notória a persistência dos seus códigos culturais ao tempo de emergência do iluminismo. O espetro da influência de Góngora esclarece muito bem essa permanência no século XVIII português. Contudo, é problemática uma redução da última poesia barroca a esse influxo, sendo que o seu aparente ascendente contribui para mascarar o surgimento de novas abordagens do real e da linguagem, por exemplo, no domínio da poesia satírica.

Como já afirmámos, uma das dificuldades com que se defronta o crítico prende-se com os obstáculos colocados por uma valora-

ção depreciativa, plasmada na catalogação periodológica. Segundo Pérez, as categorias utilizadas para designar esta fase ora introduzem uma conotação pejorativa (“barroquismo”), ora encerram um matiz potencialmente anacrónico (“pós-barroco”), ora impõem uma oclusiva limitação temporal (“barroco tardio”) (Ruiz Pérez, 2013: 7). Assim, dificilmente traduzem a efetividade do fenómeno artístico em mutação, sendo de verificar uma heterogeneidade a vários níveis (não só no domínio dos géneros e estilos praticados mas também, por exemplo, nos modelos editoriais seguidos, que procuravam responder a essa diversidade).

Tentando configurar num marco crítico e histórico o estudo deste momento, o crítico espanhol opta pela designação de “bajo barroco”, por ilustrar um processo histórico desenrolado ao longo de várias etapas (do nascimento ao ocaso). Esta designação permite pois libertar o estudo dos juízos que impõem exclusões e omissões. Além do mais, na abordagem desse processo, importa situar o período “baixo-barroco” no domínio de “un movimiento de amplio desarrollo, que se inicia cuando el humanismo renacentista encuentra sus primeras fronteras (la contrarreforma, las contradicciones del imperio y del incipiente capitalismo, las diversas formas de escepticismo, la desconfianza de lo natural como valor...) y se extiende hasta que la ilustración consolida su programa de modernidad, justamente en diálogo con el legado barroco” (*ibidem*: 8). Refira-se, para concluir, que a inserção de um estudo em tal dinâmica evolutiva permite introduzir uma perspetiva dialética em que têm cabimento, num mesmo marco conceptual, manifestações estéticas à partida contrapostas (cf. *ibidem*).

A abordagem da última poesia barroca pode ser igualmente configurada no âmbito periodológico “entre séculos”. Esta denominação permite pôr em relevo a problemática da transição de uma cultura barroca para uma cultura ilustrada, dando destaque ao choque entre

um paradigma epistemológico emergente (a ciência moderna) e um outro votado ao declínio (a escolástica). Tendo em consideração o problema do estabelecimento do ponto de partida de um estudo em torno de um horizonte cultural marcado por concepções ideológicas díspares, que se afiguram sobrepostas, do ponto de vista cronológico (Ilustração barroca ou Barroco ilustrado, cf. Magallón, 2001: 42), Alain Bègue propõe a perspectiva de abordagem “entre siglos” como forma de escapar aos preconceitos acerca da produção literária da chamada “época dos *novatores*”.

No contexto espanhol, Jesús Pérez Magallón delimitou esse tempo entre 1675 e 1725. Em Portugal, o ponto de partida pode ser definido ao tempo da atividade e formação das redes de intelectuais em torno do 4.º Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses, tendo em atenção os primeiros sinais de receção das Luzes verificados nesse contexto (cf. Calafate, 2001: 11). Marco relevante no plano literário, expressivo da receção do classicismo francês: a tradução de *L'art poétique* de Boileau pelo Conde em cerca de 1697. Quanto ao término, se tivermos em consideração que a produção crítica de um autor como Francisco de Pina e Melo reflete um pensamento eclético e dá conta de uma postura ambígua face à oficialização da cultura ilustrada, típica dessa fase de transição, é possível estender essa dominante até ao início do reinado de D. José I. O espaço que medeia entre a publicação da obra de Verney (1746) e os primeiros anos de funcionamento da Arcádia de Lisboa (1756) – cuja ação foi decisiva na codificação do neoclassicismo –, constitui um momento fulcral das polémicas da Ilustração portuguesa. Torna-se evidente aí uma afirmação sem rodeios da filosofia e estética das Luzes, objetivando-se uma rutura com a ordem cultural barroca num quadro de forte controvérsia.

Levando em consideração os vários estudos realizados em Portugal neste âmbito (Monteiro, 1963; Bernardo, 2002; Mota, 2003;

Cunha, 2006), julgamos poder situar o impulso *novator* português no contexto intelectual da Academia Real da História (1720). Os seus membros associam-se ao estabelecimento de uma linha de censura de obras publicadas, que se acrescenta à tripla censura preponderante nos séculos anteriores (Inquisição, Desembargo do Paço e Ordinário). Refletindo a receção do criticismo enciclopedista e erudito europeu (Pierre Baylle, Adrien Baillet, Mencke), é possível situar em torno desta academia régia a primeira geração de ilustrados portugueses.

Ora, um olhar sobre o tempo dos *novatores* enquanto marco conceptual delimitado permite constatar que as fronteiras entre barroco e classicismo não são estanques. As obras de Pina e Melo e de D. Francisco Xavier de Meneses, tanto no plano da preceituação como no da prática poética, ilustram bem a tentativa de sintetizar dois gostos que se afiguram antitéticos, um peninsular (a eloquência barroca ou espanhola), outro estrangeiro (o novo classicismo ou simplicidade francesa). Segundo Ofélia Paiva Monteiro, é sob o signo de um “compromisso barroco-iluminista” que se desenrola a generalidade da obra do Conde da Ericeira. Como refere, na *Henriqueida* (1741), comentários do autor ao texto incluídos, verifica-se uma “estranha mistura de progressismo científico, de opiniões provindas dos postulados da crítica neoclássica, de juízos presos a uma valoração dos “Modernos” sobre os “Antigos” e de afirmações e de realizações poéticas determinadas por uma sensibilidade barroca” (Monteiro, 1963: 93).

Em suma, pondo de lado o parcelamento das etiquetas históricas conhecidas, o período em observação depara-se-nos caleidoscópico. Tentando nós aplicar estruturas e modelos de leitura operativos, sublinhe-se pois a emergência de códigos poéticos interessantes do ponto de vista formal (*v.g.* o género do assunto académico). Mas igualmente o aflorar da consciência autoral, cada vez com maior destaque, na poesia e nos preliminares às obras, tendo como pano

de fundo um diálogo com a instituição literária (críticos e censores, auditório acadêmico, etc.). As marcas dessa emergência são sugestivas de um contexto cultural que deve, no nosso entender, assumir protagonismo como dado relevante numa época da história em que uma progressiva autonomização do campo literário, face a outras esferas do saber letrado, se compassa com a afirmação do discurso da modernidade.

3. PERCURSOS DA *NOVA HISTÓRIA LITERÁRIA*

3.1. REDEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Procurando distanciar-se de uma história museológica ou de inventário, a concepção da *nova história literária* exige, antes de mais, uma redefinição do seu objeto de estudo. Neste sentido, é inevitável retornar à problematização das relações entre texto e contexto, subjacentes à proposta de uma proximidade entre história e literatura. Paralelamente à referencialidade histórica, a documentação afigura-se o segundo requisito da História (Hayden White, 1973, *apud* Valdés, 2005: 157, nota 31). Por conseguinte, o “documento” deve ser também ele entendido numa relação dialética com o texto literário. Em estreita relação com este questionamento, é importante recordar que diversas perspectivas contemporâneas, em aberto confronto com as escolas estruturalista e formalista, definem o termo “literatura” de acordo com uma categoria mais funcional do que ontológica (Lee Patterson, 2005: 57). Contribuindo para uma ótica “culturológica” do literário, entendido no quadro dos macro-fatores que o tornam possível⁵, assinala-se pois o questionamento das noções de “texto”

5 Como referia Greenblatt (2005: 106), uma história da literatura é sempre uma história da possibilidade da literatura.

e de “texto literário” em vários setores do pensamento crítico contemporâneo (Stanley Fish, 1980, *apud* Silva, 2002: 40; Even-Zohar, 1990: 34). Em conformidade com esta deslocação de ponto de vista, ao âmbito do “hors-texte”, isto é, todos os textos e fontes documentais contíguos à criação artística (cartas, prefácios, censuras e outros textos preliminares), é por isso conferida uma atenção equivalente àquela que é dada ao texto literário, segundo a definição Jakobsoniana da função poética da linguagem (cf. Jakobson, 1960: 356).

Relembremos que Barthes, no domínio de uma defesa da autorreferencialidade como traço inerente ao literário, considerava que, na qualidade de disciplinas diferentes, em objeto e em método, a literatura enquanto história apenas poderia ser tida em consideração na medida em que constitui uma instituição (Barthes, 1960: 526).

A perspetiva de uma aliança entre história e literatura através da consideração da “instituição literária” constitui uma vertente central em alguns ensaios recentes em torno das literaturas hispânicas dos séculos XVI-XVIII (Ruiz Pérez, 2009 e 2018; Aguilar, 2009; Nemésio, 2012; Plagnard, 2017; Pereira, 2018; Duarte, 2018). Porém, tratando-se de conceber uma *história da literatura*, a análise do plano institucional representa apenas uma parte de um todo orgânico em que texto e contexto assumem densidade figurativa e representativa equivalente. A proposta de uma abordagem do texto literário no domínio da “poética da cultura” (Greenblatt, 2005: 106-107) apresenta-se como repto para traçar percursos em que se diluem as fronteiras entre discurso factual e discurso ficcional na elaboração historiográfica. A análise histórica da literatura pode encontrar um bom porto na dialética entre ambos⁶.

6 É fundamental encontrar modelos que possibilitem o cruzamento e equilíbrio entre análise contextual/cultural e análise formal pura. Como referia Greenblatt, “a full cultural analysis will need to push beyond the boundaries of the text, to establish links between the text and val-

A insistência de Ricoeur relativamente ao facto de história e literatura partilharem “un referente común en el tiempo” representa, para Valdés, um progresso relativamente a discussões anteriores em torno deste assunto. Como refere, na esteira do autor de *Temps et récit*, cuja teorização é determinante para a conformação do modelo da história comparada das culturas literárias que propõe,

Ricoeur ha razonado que el modo de configuración del evento histórico y el del texto literario son paralelos en muchos aspectos. Ambos, evento y texto, están inscritos en el tiempo, ambos son configuraciones de sentido con dimensiones dialécticas complejas – la dialéctica del texto-lector y la dialéctica evento-documento – y ambos, texto y evento, constituyen configuraciones altamente mediatizadas que son, por su propia naturaleza, áreas de interpretación. Nuestro desafío es, no sólo considerar el evento histórico como texto, es decir, como una configuración de sentido altamente intervenida, sino también, y con idéntica importancia, pensar en el texto literario como un evento histórico de producción y, por consiguiente, de recepción. (Valdés, 2005: 132)

Além do tempo, as configurações hermenêuticas que se apuram da sincronia entre realidade textual e realidade material justificam, também, a proximidade entre história e literatura. Projetando uma preocupação com a contextualização partilhada por ambas as disciplinas, a história da “cultura”, neste caso, da “cultura literária”, surge assim como objeto preferencial da abordagem da *nova história* concebida por Valdés.

ues, institutions, and practices elsewhere in the culture. But these links cannot be a substitute for close reading. (...) The world is full of texts, most of which are virtually incomprehensible when they are removed from their immediate surroundings. To recover the meaning of such texts, to make any sense of them at all, we need to reconstruct the situation in which they were produced” (Greenblatt, 1995: 226-227).

Partindo do princípio de que os meandros sociológicos do fenómeno literário encerram significados relevantes no domínio da conformação estética e formal da obra, esta chamada de atenção vai ao encontro da teorização em torno da noção de “campo” desenvolvida por Bourdieu. A afirmação da importância de estudar o campo literário e a sua génese social tem como alicerce o questionamento da existência da obra de arte enquanto bem cultural, assumindo um ponto de vista simultaneamente histórico e trans-histórico. A sua abordagem apresenta-se como relevante para estabelecer um elo entre a história cultural e a (nova) história literária.

3.2. A MARCA DA SOCIOLOGIA E O REGRESSO DO AUTOR AOS ESTUDOS LITERÁRIOS

Quer a perspectiva praxiológica de Bourdieu, quer o modelo da *história efêmera* proposto por Valdés têm como foco o pressuposto de uma configuração dialética entre história da produção e história da recepção. Como ponto de charneira entre estes dois polos, a problemática do escritor assume-se como base de uma abordagem hermenêutica (Valdés, 2005: 126).

No que diz respeito ao período da Alta-modernidade, a possibilidade de abordar a problemática do escritor remete de imediato para o estudo dos modos pelos quais o autor emerge como personagem na esfera pública (Chartier, 2000: 91). No Século das Luzes, em particular, evidencia-se o culminar do processo histórico de afirmação do estatuto social do autor, que passa pelo estabelecimento dos direitos de autor. Trata-se de um movimento que se compagina com as contínuas inovações no domínio da imprensa e do mercado editorial, tendo como corolário a profissionalização da carreira das letras.

Restaurando o papel do sujeito no centro da teoria social, Bourdieu propõe o escrutínio da posição do escritor no seio do jogo

de forças em que se baseia o "campo"⁷. Reclama assim o estudo da identidade social do produtor intelectual e das consequências de uma pertença ou, por outro lado, de uma aspiração a alcançar o centro do campo. Ao *habitus* individual do escritor – conceito que permite descrever a prática de produção em associação com a posição e estratégia/interesse assumidos no meio literário, em correlação com uma dada origem social, educação recebida (etc.) – associam-se diversas formas de representação autoral, mas também relações de dependência (clientelismo, mecenato), tendo em vista uma conformidade com esse centro. Segundo a teoria bourdieuniana, o modo como se estrutura o *habitus* individual é inalienável do modo de funcionamento das instituições de socialização e seus agentes (Bourdieu, 1995: 92). Assim, essa construção resulta da adoção, por parte do escritor, de um conjunto de práticas que refletem a necessidade de se mover entre instâncias de aprovação e rejeição da sua obra (v.g. censura e mercado). Por outras palavras, a posição do autor no mundo social delinea-se no cerne da tensão entre a sua individualidade e a institucionalização do saber.

Os efeitos que advêm do reconhecimento do estatuto do escritor na sociedade moderna podem assim ser enquadrados no domínio de uma análise da categoria de autor enquanto noção histórica e cultural, que tem como alvo as diversas formas de ser autor e de construir a autoria (Lorenzo Álvarez, 2017: ix). Esta abordagem não implica, portanto, a perspectiva acerca da figura autoral enquanto formação

7 A noção de "campo", como se sabe, é importante como configuradora de um estudo que pretende reconstituir os processos pelos quais se realiza a produção de bens artísticos num contexto institucional. Bourdieu inicia a sua formulação no artigo "Champ intellectuel et projet créateur", *Les Temps modernes*, n.º 246, 1966, pp. 865-906, a que se seguiu, entre outros títulos, "Le marché des biens symboliques", *L'Année sociologique*, n.º 22, 1971, pp. 49-126.

resultante da interlocução com o leitor na leitura do próprio texto, segundo a teorização de Couturier (1995: 16). Devedora não só dos estudos de Bourdieu (1995 [1992]), mas também de outros que se lhe seguiram – Bénichou (1973) e Viala (1985), para o contexto francês dos séculos XVII e XVIII-XIX; Álvarez Barrientos (2006) para o contexto espanhol do século XVIII –, uma abordagem das práticas em torno da figura do autor no dinamismo das redes intelectuais, económicas e políticas do campo literário é fundamental para compreender o processo pelo qual a literatura se assume como prática relevante na sociedade moderna.

3.3. MARIO VALDÉS E O MODELO HISTORIOGRÁFICO BASEADO NAS FONTES NODULARES DA CULTURA

Para que a história não incida apenas sobre a vertente sociológica, e assuma nela protagonismo a vertente artística, o estudo da figura autoral deverá aliar-se a uma abordagem da preceituação estética, projetada nas diferentes formas de conformação da imagem autoral.

A proposta de alternativa à história literária tradicional dada a conhecer por Valdés no ensaio “Historia de las culturas literarias: alternativa a la historia literaria” baseia-se no desenvolvimento de uma hermenêutica da *história efetiva*, na esteira da crítica de Foucault ao positivismo. Contudo, o modelo para uma história assente na dialética entre história da produção e história da receção tem como chave o conceito ricoeuriano acerca do nexó filosófico entre a temporalidade humana e o discurso narrativo. Advogando a proximidade entre literatura e história, desde logo no modo de organização e reconstrução assinalada à disposição temporal da narrativa, Valdés leva a efeito uma crítica do conceito de epistemes separadas elaborado pelo autor de *L'ordre du discours* e de “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”. A tentativa de superar o “impasse” verificado na história

literária contemporânea⁸ compreende, desta maneira, não só uma crítica à noção de história como inventário como também a um modelo de elaboração assente na noção de descontinuidade (ou sequenciação sérica do tempo humano), que Foucault concebera em resposta ao modelo de linearidade temporal próprio da história teleológica (Valdés, 2005: 182).

Como chave para o problema fundamental da imposição de um sentido de ordem na história literária, Valdés introduz o conceito ricoeuriano de fontes nodulares da cultura como modelo possível para responder às interferências diversas que se assinalam às circunstâncias materiais em torno das quais se forma uma cultura literária. São quatro os tipos de nódulos culturais visados, sendo que em cada par se descreve uma relação dialética recíproca: temporal e topográfico; institucional e figurativo. A operacionalidade deste modelo coloca em primeiro plano o simbolismo presente em elementos significativos na história de uma determinada cultura, privilegiando as ramificações visíveis numa rede de relações que se assumem como fatores relevantes no domínio da contextualização material dos textos. O seu alcance histórico agrega, portanto, elementos puramente factuais (acontecimentos, lugares), mas também elementos significativos no plano da ação das organizações humanas. Além disso, é de assinalar a consideração dada à influência destas na promoção e conformação de aspetos do imaginário cultural, no âmbito dos quais são expressivos os nódulos figurativos.

8 Na década passada, o autor descrevia a traços largos o panorama atual da história literária: "las selecciones *a priori* en el modo de las cronologías canónicas no pueden superponerse al registro histórico. El *impase* de la historia literaria ante el que nos encontramos se debe en parte a una incapacidad para examinar los fenómenos de la historia como fenómenos que cambian con el tiempo. La literatura es un sistema dinámico y la historia literaria se ha comportado como un sistema fijo" (Valdés, 2005: 190).

Nestes insere-se, por exemplo, a imagem de um dado poeta como ícone nacional (*ibidem*: 214).

Ao ter em conta a interação entre os vários elementos em jogo na formação de uma cultura, o modelo da história comparada das culturas literárias funda-se num compromisso com vários tempos e historiadores de vários tempos. Valdés faz assim depender a verdade histórico-literária do movimento entre autor (as suas intenções declaradas) e obra (a análise detalhada do texto, onde as intenções do autor se refletem). Este movimento deve ser “completamente contrastado en el contexto de la comunidad del autor” (Valdés, 2005: 126): “La obra existe bajo el supuesto de que es leída y discutida por lectores reales dentro de comunidades reales” (Valdés, 2005: 131).

O relevo assumido por uma obra ou autor, nos respetivos contextos de produção e de receção, ou comunidade, afigura-se, pois, como facto legitimador da pertinência do seu estudo.

CONCLUSÃO

A primeira etapa de elaboração de uma história da literatura entre barroco e Ilustração deverá passar pelo estabelecimento de cartografias a vários níveis: autores, obras publicadas, coletâneas de manuscritos dispersos, redes de intelectuais e redes de instituições, reportórios temáticos e genológicos, entre outros. Previamente, e articulando-se com as significações adscritas a cada um desses níveis, há que traçar a existência de correntes estéticas que se entrecruzam nos vários pontos institucionais fixados, notando-se nesses veios a afluência de reportórios de eventos, figuras e mitos com repercussão no imaginário de uma ou mais comunidades.

Chegados ao século XVIII, de um modo geral, a perceção é a de um confronto de paradigmas, com expressão pública acentuada em momentos circunscritos. O modelo historiográfico baseado na linearidade cronológica dificilmente pode ilustrar a sua concomitância ao

longo de várias décadas. Por outro lado, a leitura do confronto entre autor e instituição permite retirar conclusões importantes relativamente ao modo como comunidades de leitores, produtores e agentes da literatura concebem a cultura literária em que se inserem e cujo acervo têm à disposição.

Assumida a importância das referidas implicações contextuais na criação literária, o relançar de dados, no domínio da configuração de modelos de análise, constitui um passo decisivo para um retorno à história. No que concerne à poesia portuguesa de entre os séculos XVII e XVIII, há ainda um trabalho longo de “reconhecimento” por fazer. Partindo dos instrumentos facultados pelas atuais perspectivas sociológicas e hermenêuticas, a consideração dos dados do seu inventário assumirá decerto um ponto de vista crítico.

A história tem um papel determinante na legitimação do estudo de áreas da literatura que requerem uma maior atenção da parte da crítica. Despertando um conjunto renovado de questionamentos em torno da “vida literária” e dos seus agentes, os novos modelos historiográficos poderão contribuir, desta maneira, para a inteligibilidade de práticas culturais e códigos poéticos considerados distantes ou de difícil compreensão, elevando o seu grau de interesse e de visibilidade na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ARELLANO, Ignacio (2012). *El ingenio de Lope de Vega, Escolios a las Rimas Humanas y Divinas del Licenciado Tomé de Burguillos*. New York: IDEA.
- BARTHES, Roland (1960). “Histoire et littérature: à propos de Racine”. *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*. 15.3: 524-537.
- BÈGUE, Alain (2010). “Albores de un tiempo nuevo: la escritura poética de entre siglos (XVII-XVIII)”, in Aurora Egido e José Enrique Laplana Gil (coord.), *La luz de la razón: literatura y cultura del siglo XVIII: a la*

- memoria de Ernest Lluch*. Zaragoza: Instituto “Fernando El Católico”. 97-121.
- BERNARDO, Luís Manuel A. V. (2002). *O essencial sobre Martinho de Mendonça*. Lisboa: IN-CM.
- BOURDIEU, Pierre (1995). *Las reglas del arte, génesis y estructura del campo literario*. Traducción de Thomas Kauf. Barcelona: Editorial Anagrama [1992].
- BRAGA, Teófilo (1901). *História da Literatura Portuguesa – Filinto Elísio e os dissidentes da Arcádia*. Porto: Chardron.
- CALAFATE, Pedro (dir.) (2001). *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. III (As Luzes). Lisboa: Caminho.
- CHARTIER, Roger (2000). *Entre Poder y Placer, Cultura escrita y literatura en la Edad Moderna*. Madrid: Cátedra.
- COUTURIER, Maurice (1995). *La figure de l’auteur*. Paris: Seuil.
- CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da (2002). *A construção do discurso da história literária na literatura portuguesa do século XIX*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.
- (2004). “A crise e o retorno da história literária”, in Carlos Mendes de Sousa e Rita Patrício (org.), *Largo mundo alumiado: estudos em homenagem a Vítor de Aguiar e Silva*. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos. 159-175.
- CUNHA, Norberto Ferreira da (2006). *Elites e académicos na cultura portuguesa setecentista*. Lisboa: IN-CM.
- DUARTE, Marta Marecos (2016). “A poesia barroca nos manuais e antologias escolares: Descentrar o cânone?”. *Revista de Estudos Literários*, n.º 6, “Eça e Machado: Diálogos transatlânticos”. 401-421.
- (2018). “Mitos y representaciones del autor entre el sombrío ‘gosto melancólico’ tardobarroco y el esplendor de las Luces: una perspectiva ibérica”. *Studi Ispanici*, n.º 43, “Sociología de la Literatura Hispánica: el autor y la institución literaria”. 331-349.

- EVEN-ZOHAR, Itamar (1990). "Polysystem studies", *Poetics today, International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*, vol. 11.1.
- FERRAZ, Maria de Lourdes A. (2003). "Da Arcádia ao Romantismo: a poesia entre o drama e a narrativa", in Maria Leonor Machado de Sousa, Marion Ehrardt, José Esteves Pereira (coord.), *Alcipe e a sua Época*. Lisboa: Edições Colibri/Fundação das Casas de Fronteira e Alorna. 9-19.
- FERREIRA, Inácio Garcês (1731). [Notas e aparato], in Luís de Camões. *Lusíada Poema Epico de Luis de Camoës Principe dos Poetas de Espanha, Com os Argumentos de João Franco Barreto, Illustrado com Varias, e Breves Notas, e com hum precedente Apparato do que lhe pertence, por Ignacio Garcez Ferreira entre os Arcades Gilmedo a El-Rei D. João V. Nosso Senhor*. Tomo I. Nápoles: Officina Parriniana. 1-135.
- FOUCAULT, Michel (1969). *L'Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard.
- GARCÍA AGUILAR, Ignacio (ed.) (2009). *Tras el canon. La poesía del barroco tardío*. Vigo: Editorial Academia del Hispanismo.
- GARRETT, Almeida (1826). "Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa", in *Parnaso Lusitano ou Poesias Selectas dos Autores Portugueses Antigos e Modernos*. Paris: J. P. Aillaud. vol. I: i-lxvii.
- GOLDBERG, Jonathan (1983). *James I and the Politics of Literature: Jonson, Shakespeare, Donne, and Their Contemporaries*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press.
- GREENBLATT, Stephen (1980). *Renaissance self-fashioning: from More to Shakespeare*. Chicago: University of Chicago Press.
- (1995). "Culture", in Frank Lentricchia and Tomas McLaughlin (eds.). *Critical Terms for Literature Study*. Chicago: University of Chicago Press. 225-232.
- (2005). "¿Qué es la historia literaria?", in Stephen Greenblatt, M. J. Valdés San Martín *et al.*, *Teorías de la historia literaria*. Luis Beltrán

- Almería y José Antonio Escrig (Introducción, compilación de textos y bibliografía). Madrid: Arcos. 91-121.
- GREENBLATT, S., VALDÉS SAN MARTÍN, M. J. *et al.* (2005). *Teorías de la historia literaria*, Luis Beltrán Almería y José Antonio Escrig (Introducción, compilación de textos y bibliografía). Madrid: Arcos.
- JAKOBSON, Roman (1960). *Style in language. Linguistics and Poetics*. Thomas A. Sebeok (ed.). New York/London: The Technology Press of M.I.T. and John Wiley & Sons, Inc..
- LORENZO ÁLVAREZ, Elena de (2017). “Introducción”, in Elena de Lorenzo Álvarez (coord.), *Ser autor en la España del siglo XVIII*. Gijón: Ediciones Trea. ix-xiv.
- MAGALLÓN, Jesús Pérez (2002). *Construyendo la modernidad: la cultura española en el Tiempo de Los Novatores (1675-1725)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- MARNOTO, Rita (2010). *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. IV (Neoclassicismo e Pré-Romantismo). Carlos Reis (dir.). Lisboa: Verbo.
- MENDES, Margarida Vieira (1999). “Baroque Literature Revised and Revisited”, in Miguel Tamen and Helena Buescu (coords.), *A Revisionary History of Portuguese Literature*. New York and London: Garland Publishing. 58-78.
- MONTEIRO, Ofélia Milheiro Caldas Paiva (1963). *No alvorecer do “Iluminismo” em Portugal, D. Francisco Xavier de Meneses 4.º Conde da Ericeira*, Separata da Revista de História Literária de Portugal, Ano I, vol. 1, 1962, Coimbra.
- MOTA, Isabel Ferreira da (2003). *A Academia Real da História, Os intelectuais e o poder monárquico no séc. XVIII*. Coimbra: Minerva Coimbra.
- NEMÉSIO, Maria Inês (2012). “«Exemplares Novelas» e «Novelas Exemplares»: Os Paratextos da Ficção em Prosa no Século XVII”. *Via Spiritus*. 19: 171-230. Disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10983.pdf> (consultado em 01/12/2016).

- PATTERSON, Annabel (2005). "La investigación histórico-literaria", in Stephen Greenblatt, M. J. Valdés San Martín *et al.*, *Teorías de la historia literaria*. Luis Beltrán Almería y José Antonio Escrig (Introducción, compilación de textos y bibliografía). Madrid: Arcos. 67-90.
- PATTERSON, Lee (2005). "Historia Literaria", in Stephen Greenblatt, M. J. Valdés San Martín *et al.*, *Teorías de la historia literaria*, Luis Beltrán Almería y José Antonio Escrig (Introducción, compilación de textos y bibliografía). Madrid: Arcos. 47-66.
- PEREIRA, Paulo Silva (2018). "Poesía, autorrepresentación autorial y práctica metaliteraria en Francisco Manuel de Melo y Manuel de Faria e Sousa". *Atalanta*. 6. 2: 117-161.
- PIRES, Maria Lucília Gonçalves e José Adriano de CARVALHO (2001). *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. III (Maneirismo e Barroco). Carlos Reis (dir.). Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.
- PLAGNARD, Aude (2017). "A conversão de Manuel de Faria e Sousa ao anti-gongorismo na constituição de um campo literário lusocastelhano". *e-Spania, Revue interdisciplinaire d'études hispaniques médiévales et modernes*. 27, disponível em <https://journals.openedition.org/e-spania/26742> (consultado em 10/02/2019).
- REMÉDIOS, Joaquim (1921). *História da Literatura Portuguesa desde as origens até à actualidade*, 5.^a edição, Lisboa: Lumen empresa internacional editora.
- RUIZ PÉREZ, Pedro (2009). *La rúbrica del poeta. La expresión de la autoconciencia poética de Boscán a Góngora*. Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial.
- (2013). "Para la historia y la crítica de un período oscuro: la poesía del bajo barroco". Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/obra/para-la-historia-y-la-critica-de-un-periodo-oscuro--la-poesia-del-bajo-barroco/> (consultado em 3/10/2017).

- (coord.) (2018). *Studi Ispanici*, XLIII, (Sociología de la Literatura Hispánica: el autor y la institución literaria). Pisa. Roma Fabrizio: Serra editore.
- SARAIVA, A. J. e Óscar LOPES (2005). *História da Literatura Portuguesa*. 17.^a edição, Lisboa: Porto Editora.
- SILVA, Vítor Manuel Pires de Aguiar e (2002). *Teoria da Literatura*. 8.^a edição, Coimbra: Livraria Almedina [1986].
- TAVARES, Rui (2018). *O censor iluminado: ensaio sobre o séc. XVIII e a revolução cultural do Pombalismo*. Lisboa: Tinta da China.
- VALDÉS SAN MARTÍN, M. J. (2005). “Historia de las culturas literarias: alternativa a la historia literaria”, in Stephen Greenblatt, M. J. Valdés San Martín *et al.*, *Teorías de la historia literaria*, Luis Beltrán Almería y José Antonio Escrig (Introducción, compilación de textos y bibliografía). Madrid: Arcos. 123-218.
- VERNEY, Luís António (1746). *Verdadeiro Metodo de Estudar, para ser Util à Republica, e à Igreja: Proporcionado ao Estilo, e Necessidade de Portugal. Exposto em Varias Cartas, Escritas polo R. P. Barbadinho da Congregasam de Italia, ao R. P. Doutor na Universidade de Coimbra*. Tomo I. Valença: Oficina de Antonio Balle.